

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição você conhece a história de Dinalva Leite das Virgens Cerqueira, que há 23 anos trabalha na entidade.

## A Mulher por trás dos papéis

**F**ilha, irmã, esposa, mãe, subgerente, amiga e mulher. É assim que Dinalva Leite das Virgens Cerqueira pode ser definida: uma mulher que desempenha múltiplos papéis no seu dia-a-dia, mas que não perde a feminilidade. Nascida em Feira de Santana, ela conta que foi vizinha da sede do Movimento de Organização Comunitária (MOC) e sua relação com a entidade tem início desde a juventude, quando aos 17 anos fez o curso de datilografia. A partir daí a vida somente se encarregou de fazer com que os caminhos escolhidos pela jovem se cruzassem com o da entidade. Hoje ela exerce a função subgerente, atuando no setor de contabilidade, pessoal e financeiro da instituição, mas esta história está só começando.

Em meio a recibos, cheques e todo o tipo de documentos típicos de um setor de contabilidade, ela falou dos cursos que fez. Durante o 2º grau, atual ensino médio, formou-se em magistério, mas o gosto por aprender coisas novas era uma característica marcante. Ao saber do curso na Escola de Datilografia, oferecido pelo MOC, ela não hesitou em participar. Foi aí que conheceu gente como Margarida, então professora do curso, hoje sua colega de trabalho.

O tempo passou e a jovem iniciou um outro curso, na área de contabilidade.

“Naquela época não havia muita exigência de nível superior, então resolvi fazer um curso técnico de Contabilidade. Gostava muito desta área e tinha curiosidade em conhecê-la mais profundamente”. Com o término dos estudos veio o primeiro emprego no setor de vendas do comércio local, no entanto, ela não imaginava que esta experiência fosse durar apenas uma semana.

**O MOC em minha vida** - É neste ponto que o MOC entra na vida de Dinalva de forma definitiva. Através da irmã, ela soube que a entidade abria seleção para uma vaga de telefonista. A data era dezembro de 1984, depois de passar por três etapas ela foi escolhida para a função, entre 24 candidatas. Dinalva recorda-se da impressão que teve do MOC desde os testes para a seleção. “Felizmente eu fui aprovada e no outro dia comecei a trabalhar. Fiquei encantada com a recepção e com o trabalho ali desenvolvido sempre voltado para pessoas carentes, agricultores familiares e que precisavam do apoio do MOC para lutar por uma vida mais digna”, revela.

Alguns anos depois Dinalva foi transferida para a função de auxiliar administrativa, foi neste campo



**Nome:** Dinalva Leite das Virgens Cerqueira

**Data de Nascimento:** 19/01/1964

**Naturalidade:** Feira de Santana

**Formação:** Magistério, Contabilidade e Administração

**Estado Civil:** Casada

**Ano de entrada no MOC:** 1984

que ela descobriu seu talento profissional e aprendeu coisas além do trabalho que executava. “Estar no MOC ao longo desse tempo tem sido um verdadeiro aprendizado, mesmo nos momentos de angústia e decepções tiramos grandes lições”, afirma.

Muitas dessas lições passam pela forma de enxergar a vida. “Muitos conceitos que trazia comigo sobre marginalização, discriminação, racismo, pobreza, analfabetismo, educação, foram modificados ou aprimorados cada vez mais através do trabalho que o MOC desenvolve, seja

a partir de debates, convivência com as pessoas, comportamento, atitudes e valores”.

**Um outro olhar do que é ser mulher** - A maior experiência de transformação proporcionada pelo contato com a entidade foi a sua concepção do que é ser mulher. “Quando entrei no MOC eu tinha a ideia de que ser mulher era tomar conta de casa, olhar os filhos, ser a esposa. O Programa de Gênero desde o seu nascimento vem nos sensibilizando para atitudes que nos permitam desenvolver todos estes papéis, sem esquecer de viver enquanto mulher” lembra Dinalva, que como esposa ajudou o seu companheiro a perceber que as atividades do cotidiano poderiam ser compartilhadas com mais igualdade.

Isso refletiu também na sua atuação enquanto mãe. Durante anos de aprendizagem, ela fala que seria impossível passar para os filhos uma educação conservadora, onde estes não pudessem ter liberdade de expressão, de manifestar seus desejos, sentimentos, angústias e aguçar o senso crítico.

**Equilíbrio, segredo do bom relacionamento** - Hoje, como subgerente seu trabalho tem uma abrangência muito maior que nos anos iniciais. Com o jeito de quem conhece cada lugar e cada necessidade dentro da estrutura administrativa, ela consegue contornar dificuldades e conflitos, naturais em qualquer tipo de relação. Mas ela garante que nestes 23 anos o que conseguiu ganhar de mais positivo são os amigos, feitos ao longo desta caminhada.

Entusiasmada com o trabalho, decidiu cursar administração devido às atividades que já desempenhava. Como não poderia ser diferente, o trabalho de conclusão de curso foi feito a partir da experiência vivida no MOC. “Tenho erros e acertos, mesmo assim, orgulho-me em trabalhar e contribuir para esta entidade. Aqui tenho uma parte de minha vida. Hoje sei que o segredo de conviver bem no mesmo ambiente por tantos anos está na forma como encaramos os desafios e as pessoas. Cada problema é um desafio e é pensando assim que recupero minha auto-estima diante dessas situações, e iniciei um novo dia de trabalho como se fosse o primeiro”.



# A força das mulheres do campo

Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais mostra que as dificuldades e o preconceito não foram capazes de encobrir a força da mulher do campo. Força que não está em carregar lata de água na cabeça, mas, em lutar e alcançar os seus direitos.

**Mulheres se organizam e reescrevem sua história**

A mulher sofreu ao longo da história o que podemos chamar de exclusão dos processos de cidadania, evidenciando a violação dos direitos humanos de um grupo socialmente desfavorecido. Mas essa situação teve tempo determinado, e quem o determinou foi a coragem e a bravura das próprias mulheres.

O presente Bocapi traz de presente para nós a riqueza da luta das mulheres, que se organizam para reescrever a sua história nas terras férteis da região semi-árida da Bahia. Desde a gênese desse processo de organização, que tem como personagem Maria Madalena, até os dias atuais com as jovens lideranças - aqui representadas por Andréia Santos - essas mulheres se juntam a outras centenas espalhadas pelo semi-árido e não medem esforços para fazer acontecer um novo tempo, construindo melhores relações entre homens e mulheres, onde ninguém se sobrepõe, mas, somam esforços para consolidar uma sociedade justa e solidária.

A partir da década de 1980 incentivadas pelo MOC, as mulheres decidem se unir e descobrem que sua organização tem um grande poder de transformação. Sendo assim, fizeram ecoar suas vozes em forma de cantos: "nossos direitos vêm, se não vêm nossos direitos o Brasil perde também". Os desafios foram muitos, mas as mulheres não temeram, demonstraram determinação e um novo canto unificou suas vozes: "entrei na luta, da luta eu não fujo". E não fugiram mesmo. Elas se encheram de forças e foram desbravar caminhos para fomentar a luta por seus direitos.

A mulher sertaneja se fez forte como as fibras com que tecem suas artes, resgatou o direito de sonhar e alimenta esse sonho com a solidariedade, com os seus saberes e com os seus fazeres. É assim que a mulher, enquanto sujeito histórico, tem dado e continuará dando sua contribuição para a construção de um mundo melhor, onde todos e todas possam viver com dignidade.

*Maria Vandalva Lima de Oliveira  
Coordenadora do Programa de Gênero*

# Duas gerações e uma mesma luta

O semi-árido, caracterizado pelo fenômeno da seca, pelo cenário rude, de chão calcinado e mulheres carregando latas de água na cabeça, é também cenário de uma das mais bem-sucedidas experiências de organização feminina: O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR). Um espaço de construção, mobilização e defesa dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos das mulheres.

Criado em 1984, desde o início o MMTR conta com a força e a determinação de Maria Madalena dos Santos, uma das principais lideranças do movimento social na Região Sisaleira. Nascida no município de Araci, D. Madalena - como é carinhosamente conhecida - não teve a oportunidade de estudar, no entanto, a vida tem sido até hoje a sua melhor escola. O trabalho com o movimento social aconteceu por acaso, a partir de um curso em primeiros socorros. "Foram nestas capacitações que eu despertei para a necessidade de estudar a questão das mulheres e passei a integrar o MMTR", revela.

Assim como Madalena, contribuíram para a construção desta história outras tantas

mulheres que se doaram, e têm dedicado à vida à organização das mulheres. Trabalho que já alcançou resultados importantes, como a garantia dos direitos na Constituição Federal. "Graças às mulheres e ao movimento social, que juntos lutaram por um só objetivo, foram garantidos os direitos para as trabalhadoras e trabalhadores da zona rural", conta.

**Encontro de duas gerações** - "Entrei na luta, da luta eu não fujo, pela igualdade, da luta eu não fujo, pelos direitos, da luta eu não fujo, para construir uma nova sociedade...". Nos versos da música, a marca do MMTR: A luta. Luta pela equidade de gênero, pela valorização das mulheres, por uma sociedade mais justa.

E foi ouvindo músicas como esta que a jovem Andréia Santos Pereira, 20 anos, despertou para o trabalho do grupo. "A primeira vez que ouvir falar em MMTR foi em uma reunião no município de Santa Luz. Ouvir D.Raimunda cantar e aquilo foi me mostrando como era interessante participar de uma organização em que mulheres discutem o papel da mulher".

Com apenas quatro anos atuando no Movimento de Mulheres, a jovem liderança fala com orgulho sobre o papel de multiplicar informações no pequeno município onde vive. "Nós multi-

plicamos o pouco que temos, com o pouco que existe na comunidade, e aí formamos um nicho de conhecimento construído, o que é mais interessante".

Organizadas, as mulheres elevaram a sua auto-estima, adquiriram autonomia e empoderamento. Tudo isto sem perder a essência de ser **Mulher**.

**Mulheres como protagonistas** - Em 23 anos de história foram muitas as conquistas e também os tropeços. No entanto, as integrantes do grupo nunca desanimaram e enfrentaram o preconceito, a saudade de casa quando precisam ausentar-se, a resistência da família. O MMTR deu às mulheres um

motivo a mais para permanecer no sertão. E acreditando nisto, no ano de 2006, elas conseguiram a institucionalização do grupo. Com estatuto aprovado e diretoria eleita, tornaram-se independentes e protagonistas das próprias ações.

"A institucionalização representou o registro de um filho. Uma criança quando nasce precisa ser registrada para existir legalmente e poder ter acesso a benefícios. Com o movimento não foi diferente", afirmou Madalena.

Através de capacitações e organização, as mulheres do movimento construíram elementos que possibilitaram a participação em

espaços importantes de discussão, como o Conselho Regional de Desenvolvimento Sustentável (CODES Sisal) e a participação no Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), que prioriza a mulher como chefe de família.

**Histórias que se completam** - Quando Madalena iniciou o trabalho no movimento, Andréia ainda não havia nascido, no entanto, o desejo de mudança, de ver uma sociedade onde a mulher rural tenha uma boa representação, fez com que elas se encontrassem.

Para Madalena, acompanhar e ajudar a construir a história do MMTR surgiu da necessidade de ver o movimento social crescendo em busca da cidadania. "O que me fez permanecer no MMTR foi o sonho de dias melhores, de uma sociedade mais justa e igualitária". Para Andréia, atuar no movimento permite o crescimento pessoal e coletivo. "Mobilização resume bem o que eu tenho feito no MMTR. Juntas, nós estamos construindo um espaço novo e fortalecendo a nossa identidade enquanto mulher, enquanto rural".

A experiência do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais confirma o que já se sabe: O semi-árido é repleto de vida e de mulheres que conseguiram superar limites nunca antes imaginados.

Raio X MMTR

**Idade:** 23 anos  
**Municípios onde atua:** Riachão do Jacuípe, Serrinha, Teofilândia, Araci, Santa Luz, Retiroândia, Santa Bárbara.  
**Localização:** A sede do MMTR fica localizada em Feira de Santana, onde também funciona o escritório da Rede de Produtoras da Bahia.  
**Diretoria executiva e conselho fiscal até 2009:** Maria José, Marineide Dias, Jacy Barreto, Rosângela Nascimento, Maria do Carmo, Josete Santos, Lucidalva Souza, Rosana Silva, Andréa Cerqueira, Maria Madalena, Eliete Cordeiro.

**"O MMTR me fortalece. Ele me dá pequenas vitórias que têm um significado imenso"**

*Andréia Santos*

## Sobre as personagens

Com duas décadas de doação à causa, **Madalena** atualmente dedica-se às atividades domésticas, integra a coordenação do MMTR e participa de um grupo de artesãs no município de Araci. Após contar sua experiência durante o evento que comemorou os 40 anos do MOC, suas companheiras de luta cantaram, inesperadamente, os versos: "Madalena, Madalena, você é meu bem-querer. Eu vou falar para todo o mundo, vou falar para todo o mundo, que eu só quero você".

**Andréia Santos** conta que o resultado do trabalho no município de Santa Luz ainda é pouco, mas, está resgatando os sonhos das mulheres. Próximo de completar o ensino médio, a jovem recentemente teve que deixar as atividades no projeto Mãos que Trabalham para se dedicar mais aos estudos. O sonho de Andréia é cursar Comunicação Social e utilizar o conhecimento acadêmico para dar visibilidade às ações do grupo.

